

Sinopse de “Abaixo da Impiedosa Abóbada”

Abre com Cesar sozinho bêbado ao violão na sala de sua casa. O ambiente reflete bem sua personalidade, desorganização, pouca luz, garrafas de whiskys, latas de cerveja vazias sobre o piano de cauda, várias partituras jogadas pelo chão, guitarras e escaleta. Está chovendo e é tarde da noite. Cesar é divorciado, é uma pessoa solitária (e mora sozinho), misantrópica, iconoclasta, mas com muito senso de humor e generosidade. Ele se parece com Henry Chinaski. Ele é um personagem sólido, fascinante, mas está sempre por um triz. A platéia vai gostando dele no decorrer da estória e passa a torcer por ele cada vez mais.

Subitamente, toca o alarme da casa da frente. Ele para de tocar e passa a reclamar, dizendo inúmeros palavrões. Ele sabe que o vizinho está viajando. Mesmo sabendo que provavelmente o vigia da noite está vendo, ele invade a casa e, na procura pela sirene, destrói vários móveis. (ele prosaicamente pega uma cerveja na geladeira do vizinho e deita no sofá que ele mesmo rasgou).

BLACK.

Cesar numa audiência no fórum. O juiz dá uma pena alternativa: Cesar, na condição de ex-concertista, “pague” sua pena dando aulas de música erudita e tocando peças clássicas em escolas públicas do sertão (norte) de Minas, uma das regiões mais pobres do mundo. Uma semana em São João da Ponte (30 mil habitantes), outra semana em Janaúba (50 mil) e um dia em cada povoado, segunda-feira no Quem-quem, terça-feira no Jacaré, quarta-feira no Agreste, quinta-feira na Vereda Viana e sexta-feira em São Miguel. Na saída da sala da audiência, um policial militar fardado lhe olha estranho.

Corta pra Cesar chegando à primeira cidade, São João da Ponte. Começa sua descida dantesca ao inferno. Ele fica horrorizado com a pobreza e feiúra, pois nunca havia estado no sertão (caatinga, bioma que só existe no Brasil, extremamente seco e que ocupa pequena parte do território no Norte de Minas, cercado pelo cerrado). Se instala no hotel, onde passará a semana. Seu “guia”, Demis, é o secretário de educação do município. Cesar fica sabendo do desaparecimento de sua filha Karine há dois anos.

Ele passa a semana bêbado, impressionado com o calor, a resignação de seus habitantes e o quão distante aquele mundo é de sua realidade, embora às vezes

onírica. O único elo de ligação com seu mundo real é a TV de seu quarto, que misteriosamente conversa com ele durante o telejornal através de seu apresentador. Apesar disso tudo, ele cumpre fielmente sua obrigação quanto às aulas.

Em sua última noite, saindo bêbado de uma festa, ele conhece Karine que reaparece só pra ele. Eles ouvem a música “Fadar” no carro de Cesar. Essa música remete à história dela, se identificando com a letra. Quando ele vai à barraquinha comprar mais cerveja pra eles, ela some de novo. Ele não sabe quem era ela, mas sofre com isso, pois alguma coisa poderosa nascera desse encontro.

Sábado de manha, indo embora da cidade, na última casa, começando a estrada de terra, ele vê o “Diabo” Mefistófeles, um senhor de terno encostado na varanda, rindo com deboche de Cesar, como se fosse o roteirista da viagem de dele ao “inferno”. Ele diz dando um sorriso sarcástico: “isso é só o começo!”. Cesar se amedronta com ele e acelera ainda mais o carro que some na poeira.

Ele chega à Janaúba. O garçom do bar do hotel comenta com ele sobre uma festa à noite. Ele vai bêbado. No meio da multidão, uma menina passa por ele e diz “lembra de mim?”. É Karine, que some na multidão. De madrugada, ele dormindo, ela reaparece na TV, acordando-o, cantando Fadar. Eles conversam em tempo real. No meio do diálogo, a TV desliga, deixando-o desesperado, em pânico. Ele agora já sabe que ela é Karine, a filha desaparecida de Demis. Eles já estão apaixonados um pelo outro.

Numa tarde, após a aula, caminhando pelo comércio da cidade, ele vê uma manequim de plástico numa loja. É idêntica à Karine (é ela). Ele compra a manequim e a coloca em pé no seu quarto. Passa a conversar com ela como se ela fosse viva. Passa os dias tocando suas músicas pra ela, falando de suas impressões do sertão e de seu amor por ela. Ele sai e compra uma roupa sensual pra ela, mas fica envergonhado de trocá-la. Ele pede a faxineira pra fazer isso. Enquanto ela a troca, ele sai para comprar whisky 12 anos numa loja de bebidas misteriosamente chique, absolutamente incompatível com uma cidade pobre como Janaúba. O vendedor é Mefistófeles, super elegante, educado, culto, articulado. Cesar desconfia de que o já havia visto, mas não consegue correlacionar com o ser da cidade anterior. Ele está apaixonado, cego, ansioso.

Ao voltar ao seu quarto, ele fica perplexo com a beleza da manequim com a roupa nova. Ao mostrar a garrafa de whisky pra ela, ela “acorda” e se torna humana. Ela pede a ele que toque Fadar pra ela. Bebem whisky e se amam loucamente naquele quarto mágico.

Ao acordar, Cesar está sozinho no quarto. Vê que a porta e a janela estão trancadas por dentro. Ele se desespera. Acha apenas um bilhete escrito com letra bem feminina “Sempre em frente, o mais fundo possível, encontrará seu interstício”. Vai correndo até a recepção e pergunta por ela. Eles NUNCA viram ela. Vai atrás da faxineira, que também diz NUNCA ter visto ela, NUNCA ter trocado roupa nenhuma, muito menos de manequim. Ela vai à loja e ninguém NUNCA vendeu manequim nenhum. Tampouco existe a tal loja de bebidas. Ele entra em pânico absoluto pela dúvida do que é real ou não e cambaleia de profunda tristeza, algo inédito de tamanha dor, sempre relendo o bilhete. Ele está desesperado. FADE.

Vários takes dele dirigindo e bebendo whisky sob enorme claridade enaltecendo o sol forte, a poeira chata e a pobreza da caatinga. A aridez e o torpor (que lembram Paris, Texas) são quase personagens, pois assustam Cesar.

Cesar chega ao Quem-quem abatido, desiludido e impressionado com a pobreza ainda mais gritante. É segunda-feira, calor insuportável, ele está não numa cidade, e sim num povoado. Ele para no bar, pede uma cerveja, rele várias vezes o bilhete. Repara que todos no bar e no povoado estão em desavença uns com os outros. O povoado está “possuído”. Ele acha a escola, se apresenta e dá a aula com muita dificuldade, pois os alunos também estão “possuídos”. A professora é gentil e o convida a dormir em sua casa. Ela explica que todo o povoado está assim devido à morte do padre. Ela não foi afetada por que é ateia.

Terça-feira, ele chega ao povoado Jacaré, que só tem uma rua. Está completamente abandonado. Vê apenas um bar aberto. Lá está Mefistófeles sozinho. Cesar se apresenta e bebem juntos. Cesar não o reconhece, pois está fraco, dormiu no carro e se alimenta apenas de biscoitos, água, cerveja e whisky (será sempre assim no resto da semana). A sua desilusão aumenta exponencialmente dia após dia. Ele pergunta pela escola e ouve “foram todos para a guerra. Guerra contra a História. Idiotas, não sabem que EU sou a História”. Mefistófeles insinua saber da vida de Cesar, que sente medo e vai

embora do povoado. Na saída, vê a escola toda depredada, sem ninguém. Bebe whisky na garrafa, acelera o carro e mergulha na poeira.

Quarta-feira, ele chega ao Agreste. Para num bar. O vendedor é um velhinho carinhoso. Há outros velhinhos no bar. Cesar pede uma cerveja e, enquanto bebe, observa uma folhinha de calendário de 1970 com a foto do Pelé. Eles conversam e Cesar descobre que o vilarejo está em 1970. Ainda assim, ele vai até a escola e, mesmo absolutamente perplexo, dá a aula. Mas, ao final da aula, ao virar para o quadro negro, vê escrito a mesma frase do bilhete: “Sempre em frente, o mais fundo possível, encontrará seu interstício”. Se apavora com isso, tenta descobrir quem escreveu, mas não descobre. A professora confirma que estão em 1970, Cesar fica louco e sai em disparada do Agreste (sempre com a garrafa de whisky na mão).

Quinta-feira, Cesar, cada vez mais abatido, magro, sujo, barba por fazer, chega a Vereda Viana. O vilarejo também está abandonado. Só o único bar está aberto, com Mefistófeles lá dentro assobiando e limpando as prateleiras. Cesar pergunta por todos e ouve “foram todos demitidos, todo mundo, não sobrou ninguém. Demitidos por mim”. Enfim Cesar descobre quem ele é e tem-se o diálogo peremptório, onde finalmente ele percebe a trama, de que há “algo poderoso em curso”, cada povoado apresentando uma característica assustadora, cada um com sua própria tragédia, cada etapa do Inferno de Dante, círculos de sofrimento. Mefistófeles diz “Quem ensina é o Diabo. Deus, apenas toma conta” e cantarola Fadar. Pergunta a Cesar pela saudade de Karine e diz: “Você ainda acha que veio até aqui por causa das aulas de música? Que tudo isso é pela pena alternativa dada pelo juiz? Não percebe a razão das tragédias?” Ele faz a Cesar a “Oferta de Fausto” (devolver Karine), mas Cesar recusa, pois já duvida se Karine (e tudo mais) é real. Entretanto, ele busca manter a sanidade. Desiludido e resignado, parte dali.

Sexta-feira, Cesar chega ao povoado de São Miguel, sua última etapa. A única sala de aula está vazia. No entanto, ele vê um recado escrito pra ele no quadro negro informando dos alunos, que estão numa carvoaria próxima. Ele caminha até lá e os vê carregando sacos pesados de carvão. Horrorizado com a cena assustadora (é o sopé do inferno), ele, em pânico absoluto, corre de volta ao vilarejo pra avisar a polícia. Mas o policial, que estava na porta da escola esperando-o, não lhe dá ouvidos e o acusa de assassinar a professora, cujo corpo aparece na sala de aula, com a mesma frase do bilhete escrita no quadro negro. Ele, assustado, reconhece o policial (o mesmo que estava no fórum no

dia da audiência), gritando “EU CONHEÇO VOCÊ”. Ele, confuso e sem entender como ele fora parar ali, se diz inocente e vítima de uma enorme armação, entra em seu carro e sai em disparada com o policial no camburão com sirene ligada atrás dele. Numa curva, o carro de Cesar derrapa e cai numa ribanceira. O carro fica destruído, dando a entender que Cesar não poderia ter sobrevivido.

Após um tempo, com a poeira abaixada, Cesar sai do carro, acha um bilhete recém colocado no parabrisa. É um poema da Karine pra ele (“Você encontrou seu interstício”). Ele sobe a ribanceira, senta numa sombra de árvore na estrada e adormece. Para um carro de luxo, desce um chofer que acorda Cesar e o leva a uma festa numa bela casa. Lá estão todos aguardando por ele, seu advogado, o juiz, as professoras, faxineira do hotel, alunos, etc (exceto Mefistófeles). É uma grande festa para Cesar. Os pais de Karine o agradecem por ter trazido-a de volta. Ele, surpreso, pergunta: “Karine está aqui?” O policial aparece de forma gentil e fala no seu ouvido: “Parabéns! Não é qualquer um que consegue voltar de lá”. Cesar se desvencilha dele. (*) *Quando Cesar começa a se deslocar até a escada, ouve uma voz conhecida chamar seu nome. Ele se vira e vê uma TV sobre um aparador. O apresentador do telejornal diz: “Cesar, meus parabéns. Você foi absolutamente perfeito. Perfeito! Você merece sua recompensa. Curta aí a sua paixão, o seu amor. Bem, essa edição termina por aqui.”*

Karine, belíssima, então desce a escada de forma triunfal. Beijam-se e dançam ao som de Fadar.

F I M

Notas:

1. (*) Se Cesar encontrou seu interstício, ele superou o inferno e venceu; portanto, a TV não poderia mais aparecer. Mas cito Michael Haneke: *“Devemos dar espaço para contradições e complexidades”*.
2. Face aos inúmeros acontecimentos e passagens instigantes (não citados aqui), reitero a enorme vocação da estória para uma mini-série em 15 capítulos.
3. A música “Fadar” existe, foi composta por mim e está disponível. <https://youtu.be/ybjo8jCqBGk>.

Sinopse de “Sinfonia Cordisburgo”

Abre com Cesar sozinho bêbado ao piano de cauda na sala de sua casa com garrafas de whiskys, latas de cerveja vazias sobre o piano, várias partituras jogadas pelo chão, amplificador, guitarras, baixo, pedais de efeito e violoncelo (cello). É final de tarde. Cesar é divorciado e mora sozinho. Ele é agnóstico e também escritor. (sobre o piano paira um conto seu extremamente sarcástico sobre Jesus, chamado Gozo Histórico). Cesar é um personagem contagiante.

Cesar levanta do piano, serve outra dose de whisky e admira o entardecer da janela da sala. Nisso, ele esbarra nos pedais de efeito e na, sequência, no cello. Subitamente, ele decide fazer algo inédito: ligar o cello nos pedais de efeitos (reverber, eco, distorção, etc) - como fazem os guitarristas. Ele toca o tema e alguns trechos de uma peça sinfônica (que ele chama de Cordisburgo) que ele compôs há anos, mas nunca finalizou. Ele é extremamente desorganizado e desleixado. Ele se surpreende com o resultado do cello nos efeitos e no amplificador. Aumenta muito o volume, vai tocando e bebendo, se empolgando com o resultado cada vez mais, até que numa pausa, ouve a campainha tocando. É seu novo vizinho, um maestro recém chegado à cidade pra assumir um grande orquestra sinfônica. Ele insiste em conhecer Cesar, pois adorou a música. Cesar, muito apreensivo, abre a porta. Bebem muito whisky varando a madrugada. Cesar toca inúmeras peças pra ele em diversos instrumentos. O maestro fica impressionado com sua habilidade no cello e com as suas composições, particularmente maravilhado com trechos de Cordisburgo. Rola uma enorme empatia entre eles, se tornam amigos.

No final do dia seguinte, o maestro aparece nervoso na casa de Cesar. O chefe do naipe dos cellos da orquestra se acidentou. Ele convida (implora) Cesar a assumir o posto, que em princípio reluta, mas acaba aceitando contra a vontade. Já no primeiro ensaio ele percebe uma enorme animosidade do spalla, mas os ensaios transcorrem bem, apesar da bebedeira de Cesar. O maestro sempre o aconselha a finalizar a sua Sinfonia Cordisburgo. Um dia Cesar chega completamente bêbado ao ensaio, mas por sorte a apresentação de domingo próximo fora adiada pro outro domingo. O maestro cancela o ensaio. Após todos saírem Cesar passa mal e desmaia. Ele então é acordado na enfermaria do teatro por Aída, belíssima cellista recém chegada de férias naquele dia e, para

surpresa de Cesar, filha do maestro e ex-esposa do spalla. Paixão à primeira vista. Ela se mostra ansiosa por ouvir Cordisburgo, tão comentada pelo pai.

No ensaio seguinte, o maestro diz aos músicos da orquestra sobre um concurso federal para compositores que tocam em orquestras de todo o país. Ele (em particular) insiste novamente com Cesar para finalizar Cordisburgo e participar do concurso. Cesar não consegue entender a tamanha obsessão do maestro por Cordisburgo. Ele responde: “maestro, já tentei finalizá-la milhões de vezes, nunca consegui, NUNCA! Mais de 30 anos tentando. Portanto, nem tentarei.”

Aída se convida para ir à casa de Cesar na sexta-feira. Ela vai ávida por ouvir trechos de Cordisburgo, sempre insistindo. Cesar comenta da obsessão de seu pai por Cordisburgo, algo insano, que ele nunca viu nada igual. Ele também não entende a obsessão de Aída por Cordisburgo. Há algo aqui que não bate, algo obliterado (que só se descortinará na última cena).

Eles têm uma noite de amor e transam imensamente. Ela passa também o sábado com ele em casa. Ela manifesta desejo de ler o conto Gozo Histórico de Cesar, que não permite. Ela insiste várias vezes, sempre ouvindo não. Ele enfim toca trechos de Cordisburgo, o que a deixa maravilhada. No sábado à noite, Cesar sai para comprar vinho pra Aída numa loja perto de sua casa. Ao voltar, Aída não está lá, não deixou nenhum bilhete e tampouco o vigia da noite a viu saindo. Ele se desespera. Liga no seu celular e nada. Também não está na casa do maestro, que está em São Paulo. O conto que estava sobre o piano sumiu.

Na segunda-feira, ele não a vê no ensaio. Fica tenso e bebe escondido. Não consegue “segurar” os cellistas, sempre acelerando ou errando o ritmo. O spalla lhe olha de forma hostil. O maestro chama sua atenção várias vezes até suspender o ensaio.

Ao chegar em casa, ele afunda na garrafa de tamanha saudades de Aída, numa tristeza profunda. Ao abrir seu laptop (que fica na sala), ele vê na tela um poema escrito por Aída dedicado a ele. Como fora parar ali? O vigia passou o dia inteiro na porta da casa dele e ninguém entrou. Isso também ocorre sistematicamente nos dias seguintes: Cesar chegar bêbado aos ensaios, não conseguir tocar, ser repreendido pelo maestro, e sempre (misteriosamente) aparecer um novo poema de Aída na tela de seu laptop. (Sempre após os ensaios, o maestro fala em particular com ele de sua paixão por Cordisburgo, que sonha com essa música numa orquestra e insiste sistematicamente para

que finalize a sinfonia). Na sexta-feira, num diálogo na sala do maestro - que insinua saber do Gozo Histórico - ele pergunta (com voz rouca) a Cesar por Aída, pois desconfia do envolvimento dos dois. Cesar fala do seu desespero, justifica que não consegue concentrar pra tocar justamente por isso. Mas o maestro acaba por demiti-lo (apesar da apresentação marcada para domingo).

Ao chegar em casa, o vigia diz que a polícia esteve lá e fez busca e apreensão. Levaram o laptop. Ele se vê em pânico absoluto, profundamente triste de saudades de Aída e cada vez mais bêbado. No domingo à noite, ele vê na TV a apresentação da orquestra (com um novo chefe de naipe dos cellos vindo de São Paulo). Misteriosamente, cena em PB, durante uma pausa, o maestro vira para a câmera e “conversa” com Cesar, implorando para que ele termine a Sinfonia Cordisburgo. Cesar, em pânico, não sabe se aquilo é real.

Na segunda-feira ele é preso acusado do desaparecimento de Aída. Na prisão sofre horrores (principalmente pela sua misantropia), se sentindo no inferno. Convívio com criminosos, crise de abstinência do álcool, saudades de Aída, tristeza profunda, desesperança, desilusão, frio, fome, etc. Sempre pergunta a seu advogado por Aída e, principalmente, porque não prenderam o spalla e/ou o vigia da noite, também potencialmente suspeitos. O advogado, estranhamente, não tem respostas.

Apesar do sofrimento intenso, Cesar consegue finalizar a “Sinfonia Cordisburgo” escrevendo diretamente na partitura (sem utilizar instrumento musical nenhum, o que só compositores tarimbados conseguem) e a envia para o concurso. Já na semana seguinte, na audiência de instrução e julgamento, seu advogado mostra ao juiz o Diário Oficial da União mostrando o vencedor do concurso, “SINFONIA CORDISBURGO, ESCRITA POR AÍDA VAZ, VIOLONCELISTA DA ORQUESTRA SINFÔNICA MUSICOOP”, postada no correio por ela mesmo. E mais, não há corpo, arma e nem motivo. O vigia da noite, que está desaparecido, é o principal suspeito. Cesar é libertado. (entretanto, ele não se dá conta de que graças à prisão, ele finalmente conseguiu finalizar a sua Sinfonia Cordisburgo. Ele precisou ir ao inferno pra conseguir; pior, ele foi mandado pra lá justamente pra isso).

Na saída do fórum, o maestro o espera num carro de luxo (com motorista) com uma garrafa de whisky sofisticada. Dá carona a Cesar, bebem juntos e o agradece por ter “assinado” a autoria de sua Sinfonia Cordisburgo à Aída. (Cesar fez isso por amor a Aída ou pra forjar uma prova para inocentar a si mesmo e

sair da prisão?). O maestro estranhamente não demonstra nenhuma tristeza pela ausência de Aída. Já Cesar manifesta sua profunda tristeza e o informa de sua intensa paixão. O maestro convida Cesar a voltar para a orquestra para tocar cello como solista na apresentação pública da Sinfonia Cordisburgo no grande teatro já na semana seguinte. Ele aceita, passa a treinar muito e comparece ao ensaio único da Cordisburgo compenetrado. O spalla, estranhamente, lhe olha de forma gentil. E o maestro pede a orquestra empenho e garra em homenagem a Aída.

Chega o dia da apresentação. A orquestra sobe ao palco. O maestro recebe o troféu em nome de Aída. Inicia-se (enfim) a apresentação da Sinfonia Cordisburgo. O clima é apoteótico (que lembra o final de O Cisne Negro), numa espiral de histeria, cada vez mais intrigante, em que o espectador deixa a sua zona de conforto e também acaba envolvido, pois fica sem saber o que é verdade ou delírio, realidade ou ficção. Cesar toca muito bem, inclusive os solos, com improvisos profundamente inspirados (e inesperados). A orquestra também executa de forma emotiva, triunfal. Ao final, a platéia entusiasmada, aplaude de pé. A câmara mostra o advogado, depois o delegado, o promotor e o juiz, que estão discretamente na platéia. O maestro, jactante, pisca para cada um deles. Eles assentem com o olhar. Cesar não os vê. A comoção é geral! Subitamente, Cesar vê Aída aplaudindo e sorrindo logo na primeira fila. Ele, extremamente extasiado, aponta ao maestro, que não se mostra surpreso. Depois vê outra Aída no fundo da platéia e novamente o maestro não se importa, como se já soubesse desse desfecho. Depois outra Aída na lateral e assim por diante até que toda a platéia é formada por Aídas (não quantitativamente, apenas sugestivamente), todas com os olhos umedecidos demonstrando paixão por Cesar, numa imagem borrada.

Cesar diz ao maestro: Maestro, Deus não faria melhor. Ele responde sinistramente demonstrando imenso poder: eu sei, Cesar, eu sei. Isso sim é Gozo Histórico.

F I M

Notas:

1. A música Sinfonia Cordisburgo existe, foi composta por mim e está disponível. Já existe gravação com regência do maestro norte americano Mark Lambert. Veja em <https://youtu.be/EgMr6xEUki8>
2. O conto Gozo Histórico e os poemas também existem.
3. Não sei se a sinopse deixa claro, mas tudo foi uma armação alucinante para que Cesar finalizasse a Sinfonia Cordisburgo. O maestro, Aída, o delegado, o juiz, o advogado, o promotor, todos estão neste conluio por absoluto AMOR À MÚSICA, amor louco, insano, histérico, doentio, como no O Cisne Negro, descabido, DESUMANO, em última palavra.

Até onde vai esse amor?

Do que ele é capaz?

Sinopse de “Primeiro as horas, segundo os segundos e, por fim, o fim”

Abre com Cesar num ensaio regendo um coro de uma ópera sua chamada “Linda” que ele compôs anos atrás em homenagem a sua esposa Mônica. Ele acaba o ensaio e despede-se dos músicos, de quem recebe fartos elogios pela beleza da sua música. Ele sempre responde que ‘Mônica é ainda muito mais linda do que Linda’. Mônica, que é apaixonada por Cesar, é realmente linda e doce. Cesar é um artista em estado bruto. Além de maestro e compositor de música erudita, ele toca vários instrumentos, escreve poemas, romances, contos, etc, lotado de verve. É bonito mesmo sendo desleixado, sempre com barba por fazer, descabelado; é desapegado a bens materiais. E é muito feliz. Ele liga pra Mônica (que está em casa naquele momento limpando o piano de meia cauda e demais instrumentos de Cesar) e combinam de jantar num restaurante que sempre vão desde a época do namoro. No carro (um modelo simples), Cesar põe o CD dessa ópera pra tocar e vai cantando “junto” com a orquestra e coro. Ele vai se empolgando cada vez mais com a música (regendo com os braços) em detrimento ao trânsito. Acaba por sofrer um fortíssimo

acidente. O carro fica totalmente destruído. Cesar morre (aparentemente).
FADE.

BLACK

Abre com Cesar estacionando sua Porsche Panamera (empresto a minha) no estacionamento de sua empresa. Cesar (duplo, como em “ A dupla vida de Véronique”, “Alucinações do passado”, etc) é um grande executivo dono de umas maiores empreiteiras do país. Ele usa terno chique, anda sempre barbeado, cabelo bem cortado e tem excelente gosto. Pra tudo. Caminha até sua sala. É segunda-feira. Sua secretária (uma gata, claro) entra falando de seus compromissos, reuniões com senadores, ministros e asseclas. Mas a sua empresa está prestes a quebrar devido a recém reveladas evidências de corrupção e suborno pela PF e MPF. Dois executivos de sua empresa já estão em cana.

Ele liga pro seu irmão Carlos (boa pinta também) pra convidá-lo (e sua esposa, uma gata) pra jantar em sua casa. Carlos nunca trabalhou, vive de renda oriunda da herança do sogro. É um bom vivant. A seguir ele liga pro seu melhor amigo Luiz, um cirurgião famosíssimo, que também confirma presença no jantar. A esposa de Cesar se chama Linda (gatíssima, claro). Ela está grávida de oito meses do primeiro filho deles. Eles formam um casal perfeito, se mostram apaixonados, super felizes, um nasceu para o outro. Cesar passa o dia nas tais reuniões, além de despachar com assessores e advogados. Mas sempre com muita compostura. Ele é fino.

No jantar chiquíssimo em sua mansão, o papo é furado. O irmão, ao apontar o piano de cauda inteira na sala, pergunta a Cesar se ele de vez em quando toca. Ele responde que nunca mais tocou, não sabe nem onde fica o Do ou o Re, que o piano é meramente um adorno, um móvel bonito. (no mundo deste Cesar, tudo é belo demais, limpo demais, suíço, plástico, inorgânico, quase utópico)

De madrugada Cesar sonha que está tocando o piano de meia cauda (na casa do outro Cesar, o artista), mas com o som ruim, desafinado, ele brigando com o piano, se desesperando, puto por não saber tocar e incomodado com a bagunça da sala. Ele acorda em pânico todo suado, apavorado, acorda a esposa e conta esse pesadelo a ela. Outros pesadelos dessa natureza começam a ocorrer nas madrugadas seguintes: está fazendo amor, mas subitamente a esposa é do

Cesar artista, está abrindo a porta da sua casa, mas quando abre, a casa é do Cesar artista (modesta e bagunçada), etc.

Na manhã de sexta-feira a esposa vai de carro até uma cidade próxima passar o dia com a mãe, que mora num condomínio de luxo (claro) ao Sul. Cesar insiste para que ela vá com o motorista particular, mas ela gosta de dirigir sua Porsche Cayenne. Ela diz: gravidez não é doença. Despedem-se amorosamente. Cesar lhe presenteia com um belíssimo relógio, que ela põe na hora.

De noite Cesar chega em casa e vê que Linda não está. Liga inúmeras vezes no celular e só dá na caixa postal. Começa a beber whisky. Liga pra mãe de Linda, que responde não ter visto-a. Começa a se desesperar. Liga para algumas amigas, para a academia, etc. Tempo vai passando. Vai aumentando o ritmo no whisky. Seu celular toca, é Luiz dizendo de um acidente de carro de Linda ocorrido à tardinha numa estrada ao Norte. (Norte? Não era Sul?) Ela foi levada com vida para um hospital da região, mas acabou falecendo. Ele já está neste hospital. Ele foi primeiro (sem avisar Cesar) pra certificar da real identidade da vítima. Cesar, apesar de bêbado, em pranto profundo, completamente arrasado, desesperado, vai dirigindo até lá.

Luiz insiste para que ele não veja o corpo, pois o rosto foi totalmente desfigurado. Ainda assim, ele a vê e reconhece a aliança e o relógio. Ele desaba. Luiz diz que conseguiram salvar o bebê, que está na UTI. Ele passa lá e vê através do vidro. Ainda no hospital, ele diz a Cesar que Linda não estava sozinha no carro. Tinha outro homem no banco do carona (que também morreu) com a camisa suja de batom. Era um amante. Era seu irmão Carlos. Mesmo grávida, estavam saindo de um motel.

BLACK.

Abre a imagem na saída do enterro, todos dando condolências a Cesar. Luiz diz que o bebê vai se recuperando bem, mas que ainda não pode ser removido para outro hospital. Cesar entende. Mas Luiz diz que após teste de DNA que ele mesmo fez por conta própria, descobriu que o filho não é de Cesar. Cesar chora abraçado a ele.

Ao chegar em casa sozinho, ele começa a beber muito whisky e a chorar compulsivamente. Põe um CD de ópera pra tocar. É “Linda” (composição e regência do outro Cesar, claro), num trecho bem forte, que fala das possíveis e terríveis dores caso a amada parta para sempre. Quando então fica bêbado, ele

vai até a varanda ver o final de tarde chuvoso. A ópera toca partes cada vez mais tristes. Amargurado, ele decide queimar todos os porta-retratos. São vários espalhados pelas salas. Completamente bêbado, cambaleando, pega um por um, examinando as fotos dos dois sempre felizes, vai até a varanda e faz uma enorme fogueira com eles. O fogo ganha vida. Cesar, tonto, se desequilibra e cai rolando escada abaixo até o portão de entrada da casa. Quebra o pescoço, fica imobilizado de cabeça pra baixo, mas ainda consciente, começa a rir sabendo que a morte é chegada. Em gargalhada sarcástica, porém honesta, diz a si mesmo: “Se estou certo, o que queima, aterroriza e eterniza no inferno é a parte de você que não quer desistir da vida. Não é isso mesmo? Hein, Cesar, não é isso mesmo?” FADE.

BLACK.

Só áudio. “Cesar, querido, acorde.” Entra imagem do rosto angelical de Mônica. Cesar acorda assustadíssimo num quarto de hospital.

- Mônica, é você? Meu Deus, é você? – ele pergunta emocionadamente.
- Claro, querido, claro que sou eu – ela responde acariciando-o.
- Achei que tivesse morrido num acidente de carro.
- Querido, você é quem teve um acidente de carro, mas foi só um susto. O médico já te liberou. Vamos pra casa?
- Achei que você tinha um amante...
- Amante? Querido, eu com amante? - diz ela rindo e abraçando Cesar.

F I M

Notas:

1. Essa sinopse não é plenamente fiel ao livro, que, em minha opinião, no original, não funciona muito bem em dramaturgia.
2. A ópera “Linda” existe em partes. Em sendo o caso, finalizo-a sem problemas.